Psicodrama Público: Política, Arte, Resistências

Cláudio Augusto Ferreira[1]

Mariana Leão Côrtes Berquó [2]

Oriana Holsbach Hadler [3]

RESUMO

Surgido a partir da inquietação de um grupo de psicodramatistas interessados em reforçar o caráter político e social do Psicodrama por meio da realização de Psicodramas Públicos, o Movimento Psicodrama Público Popular (MPOP) tem procurado, por meio de uma ação coordenada, realizar intervenções em diversas cidades do país com temas correlatos, sempre de cunho social, como a situação política do país e os desafios enfrentados pela população feminina. A iniciativa salienta, em primeiro lugar, o propósito do Psicodrama, explicitado por Moreno, de passar do tratamento do indivíduo isolado para o tratamento do indivíduo em grupos e do tratamento por métodos verbais para o tratamento por métodos de ação. Além disso, a busca dos diversos atores do MPOP por espaços públicos e acessíveis para a realização das intervenções psicodramáticas evidencia a preocupação de chegar a um público que tem demandas a serem atendidas, mas carece de acesso a serviços de acolhimento e tratamento terapêutico. O calendário de intervenções psicodramáticas públicas proposto pelo grupo tem ainda a função de consolidar um espaço de resistência à lógica da individualidade que domina o mundo contemporâneo, pela qual problemas coletivos são tratados como demandas particulares. Nesse contexto, o Psicodrama Público resiste não só por insistir na

[1] Psicodramatista Nível 1 pela Associação Brasiliense de Psicodrama e Sociodrama (ABP). E-mail: claudioferreira_64@hotmail.com.
[2]Psicodramatista Didata Supervisora pela Associação Brasiliense de Psicodrama e Sociodrama - ABP, Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura (UnB). E-mail: marianaleaocb@gmail.com.
[3]Doutora em Psicologia Social (UFRGS), psicodramatista (IDH-RS), professora adjunta do curso de Psicologia 1 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: orianahadler@gmail.com.

atividade em grupo, mas também por utilizar da arte para concretizar as demandas grupais. O primeiro trabalho reconhece a importância da conquista de espaços para o Psicodrama Público, aproveitando para discutir a visibilidade da prática a partir de parâmetros como territorialidade e colonialidade. Identifica-se uma "centralidade simbólica" atribuída a determinadas cidades – notadamente São Paulo – no campo do psicodrama público. A partir dessa discussão, torna-se um ato político detalhar a iniciativa da realização de psicodramas públicos na Biblioteca Nacional de Brasília, localizada na Esplanada dos Ministérios, palco das decisões políticas do país. Arte e política também estão entrelaçadas no segundo estudo, que relata a realização de um psicodrama público no bairro de Porto Alegre mais atingido pelas enchentes de 2024. Parte integrante de um dia de atividades comunitárias, a intervenção sociodramática conjugou expressões artísticas como grafite, rap e hip hop para promover o cuidado com a comunidade dentro de um processo de reconstrução coletiva e lutar contra a negligência estatal no atendimento às famílias atingidas pelo fenômeno climático. Os dois trabalhos exemplificam a proposta do MPOP de conquistar espaços em várias cidades brasileiras nos quais seja possível realizar psicodramas públicos de maneira regular, com temas correlatos e que tenham, como foco, uma intervenção de cunho político, para atender às diversas demandas sociais (demandas advindas da vulnerabilidade de grupos específicos como, por exemplo, populações atingidas por desastres naturais ou mulheres em contextos de violência) com a utilização da prática sociodramática. Espaços de resistência às lógicas individualistas e despolitizantes que muitas vezes caracterizam o enfrentamento dessas demandas por parte do Poder Público - isso quando elas são verdadeiramente enfrentadas.

Palavras-chave: Psicodrama Público. Arte. Política.

Psicodrama Público em Brasília: territorialidade, arte e intervenção psicossocial no espaço público

Mariana Leão Côrtes Berquó

RESUMO

O psicodrama público constitui uma modalidade de intervenção socionômica que promove encontros psicodramáticos abertos e gratuitos em espaços públicos, favorecendo a elaboração de experiências individuais e coletivas por meio de recursos dramáticos e participativos. Inspirado nos princípios da socionomia de Moreno e em consonância com a lógica da clínica ampliada, esse dispositivo busca ampliar o acesso às práticas psicodramáticas e estimular reflexões críticas sobre questões sociais contemporâneas. Partindo das discussões sobre território, colonialidade e produção de subjetividades, este trabalho tem como objetivo compartilhar a experiência recente de fortalecimento do psicodrama público em Brasília, refletindo sobre as relações de territorialidade presentes no movimento psicodramático brasileiro e sobre a potência da arte nesse dispositivo. Trata-se de um relato reflexivo sobre iniciativas desenvolvidas pela Associação Brasiliense de Psicodrama e Sociodrama, incluindo a inserção da disciplina Psicodrama Público na formação de psicodramatistas e a parceria estabelecida com a Biblioteca Nacional de Brasília. A experiência evidencia o psicodrama público como ferramenta potente de intervenção psicossocial e como prática artística, política e educativa capaz de promover encontros, participação social, diálogo intercultural e resistência cultural em espaços públicos, fortalecendo redes comunitárias, ampliando o acesso à cultura, ao cuidado coletivo e à reflexão crítica sobre a vida social.

Palavras-chave: Psicodrama público; Territorialidade; Arte.

1 INTRODUÇÃO

O psicodrama público constitui uma modalidade de intervenção socionômica que busca promover encontros psicodramáticos abertos, gratuitos e em espaços públicos, para a elaboração de experiências coletivas e individuais por meio de recursos dramáticos e participativos (MASCARENHAS, 2020; DAVOLI *et al*., 2012). Diferentemente do psicodrama clínico, realizado em contextos terapêuticos estruturados com caráter privado, o psicodrama público, condiz com a lógica da clínica ampliada (COELHO, 2025), favorecendo a construção coletiva de cenas e reflexões sobre temas sociais contemporâneos relevantes.

Inspirado nos princípios da socionomia moreniana, esse formato de intervenção aposta na potência da ação dramática e da participação espontânea como caminhos para ampliar a compreensão das experiências humanas e estimular novas possibilidades. Ao criar espaços de encontro e expressão coletiva, o psicodrama público pode favorecer a emergência de narrativas diversas, contribuindo para a construção de vínculos e para o reconhecimento de experiências compartilhadas através de vivências estéticas, éticas, políticas e transformadoras (Mascarenhas, 2020).

No Brasil, essa modalidade ganhou visibilidade especialmente a partir de iniciativas realizadas na cidade de São Paulo. Ao longo do tempo, essas práticas contribuíram para consolidar um movimento de psicodrama público que passou a inspirar experiências em diferentes regiões do país. No entanto, assim como ocorre em diversos campos de produção cultural e acadêmica, também no campo do psicodrama é possível observar processos de centralização simbólica e institucional coloniais. No imaginário social brasileiro, a região sudeste frequentemente aparece como referência de produção cultural, intelectual e profissional, enquanto outras regiões são percebidas como periféricas ou secundárias.

Essa dinâmica pode ser analisada à luz das discussões sobre território e colonialidade. O território não deve ser compreendido apenas como espaço geográfico, mas como uma construção histórica e social atravessada por relações de poder, processos de dominação e disputas simbólicas (CASTRO, 2023). Como aponta Fanon (2008), os processos coloniais produzem hierarquias simbólicas que influenciam não apenas as relações entre países, mas também as relações internas dentro de uma mesma sociedade.

Ao considerar essas reflexões, torna-se possível problematizar a centralidade simbólica atribuída a determinadas cidades no campo do psicodrama público. São Paulo tornou-se o centro de produção e legitimidade, enquanto outras cidades e suas iniciativas permanecem marginalizadas ou menos visibilizadas. Reconhecer essa dinâmica não implica desconsiderar a importância das iniciativas pioneiras realizadas nesses contextos, mas sim ampliar o olhar para a diversidade de experiências que emergem em diferentes territórios.

A partir dessa perspectiva, torna-se relevante refletir sobre como o as práticas de psicodrama público se distribuem e desenvolvem em diferentes territórios. Mais do que uma simples questão geográfica, trata-se de compreender como saberes, práticas e legitimidades circulam e se organizam no campo socionômico. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo compartilhar sobre a experiência dos esforços em consolidar o psicodrama público como prática em Brasília, refletir sobre as relações de territorialidade presentes no psicodrama público brasileiro e a potência da arte neste dispositivo.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Um pouco sobre o psicodrama público em Brasília

Apesar de sermos a capital federal, a realização frequente de psicodramas públicos em Brasília tem sido um desafio. Nós da Associação Brasiliense de Psicodrama e Sociodrama (ABP), temos nos empenhado para fortalecer essa cultura.

Quanto às práticas, desde 2023 realizavam-se psicodramas públicos esporádicos na sede da associação. Recentemente, a partir de novembro de 2025, mobilizadas pelo

Movimento Psicodrama Público Popular, criamos uma parceria com a Biblioteca Nacional de Brasília (BNB). Esse foi um grande passo, pois a BNB encontra-se na Esplanada dos Ministérios, território emblemático do poder institucional do país, na região central da cidade, próxima a rodoviária e ao metrô, o que favorece a presença mais democrática de diversos públicos. Relevante ressaltar que Brasília é marcada por uma importante segregação socioespacial que atravessa o cotidiano da cidade e impacta diretamente a circulação de pessoas, saberes e práticas culturais. A escolha do local também dialoga com essa particularidade, ocupar um espaço público central com práticas socionômicas pode ser compreendido como gesto simbólico e político de ampliação do acesso e de democratização da experiência psicodramática.

Nesse contexto, a Biblioteca Nacional de Brasília pode ser compreendida não apenas como um equipamento cultural, mas como um dispositivo de produção e circulação de arte, pensamento e participação política no espaço público. Por sua localização central, e próxima a dois museus importantes da cidade, favorece um espaço de acesso facilitado à população, onde diferentes linguagens artísticas e expressões culturais podem emergir e dialogar. Nesse sentido, a arte assume um papel político ao possibilitar a expressão de experiências sociais diversas, frequentemente atravessadas por desigualdades, silenciamentos e disputas de narrativa. A ocupação desse espaço por práticas participativas e expressivas pode ser compreendida como forma de resistência cultural, na medida em que tensiona a lógica de distanciamento entre instituições e população, promovendo a construção de um espaço público mais vivo, plural e dialógico. Assim, o psicodrama público na BNB se afirma como um território simbólico onde arte, política e participação social se entrelaçam, favorecendo a emergência de novas formas de convivência, escuta e elaboração coletiva das experiências sociais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência evidencia que o psicodrama público constitui uma ferramenta potente de intervenção psicossocial, capaz de promover espaços coletivos de encontro, escuta, vinculação, expressão e elaboração crítica das experiências sociais compartilhadas.

A análise também permite compreender que a circulação e a consolidação dessas práticas não estão dissociadas das dinâmicas territoriais que atravessam a produção de saberes e práticas no Brasil. A centralização histórica de instituições e referências culturais em determinados centros urbanos contribui para a construção de hierarquias simbólicas que influenciam a visibilidade e a legitimidade de iniciativas desenvolvidas em outros territórios. Problematizar essas dinâmicas não significa negar a importância histórica das iniciativas realizadas nesses centros, mas sim reconhecer a necessidade de ampliar a circulação de saberes e fortalecer experiências desenvolvidas em diferentes cidades. Nesse sentido, refletir sobre a experiência atual do psicodrama público em Brasília contribui para evidenciar a importância de ampliar e diversificar as experiências no campo socionômico.

A parceria estabelecida com a Biblioteca Nacional de Brasília representa um movimento significativo de ocupação simbólica e cultural do espaço público. Ao inserir o psicodrama público em um espaço emblemático do poder, central e de grande circulação da cidade, a iniciativa contribui para ampliar o acesso da população a experiências participativas e expressivas, aproximando arte, política e intervenção psicossocial. A utilização de um equipamento cultural como espaço de realização dessas práticas reforça a compreensão da arte como linguagem capaz de mobilizar afetos, narrativas e processos coletivos de elaboração social.

Assim, a experiência aponta para a importância de iniciativas que busquem descentralizar e fortalecer o psicodrama público em diferentes territórios, reconhecendo a diversidade de contextos socioculturais do país. Trata-se de fomentar uma rede viva de práticas que dialogue com as especificidades locais e contribua para a construção de espaços públicos mais democráticos, participativos e sensíveis às múltiplas vozes da vida social brasileira.

REFERÊNCIAS

CASTRO, B. C. de. **Mulheres descolonizando a Amazônia pelos caminhos de vida.** Curitiba: Appris, 2023.

COELHO, Acileide Cristiane Fernandes. A orientação psicodramática: olhar crítico para uma clínica (psico) terapêutica, política e (socio)educacional. **Revista Brasileira de Psicodrama**, *[S. l.]*, v. 33, 2025. Disponível em: https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/705. Acesso em: 8 mar. 2026.

DAVOLI, C., BATISTA, M. A. & NILSON, S. Psicodrama público e direção de grandes grupos. In: NERY, M. P & CONCEIÇÃO, M. I. G. (orgs). **Intervenções grupais: o psicodrama e seus métodos.** São Paulo: Ágora, 2012. Pp. 173-193.

FANON, F. **Peles negras, máscaras brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.

MASCARENHAS, P. Psicodrama público no Centro Cultural São Paulo: mas o que é público mesmo?. In: DEDOMENICO, A. M. & MERENGUÉ, D. (orgs.). **Por uma vida espontânea e criadora: Psicodrama e política**. São Paulo: Ágora, 2020. Pp. 93-106.

Entre Águas e Tintas: Psicodrama Público, Arte e Política

Oriana Holsbach Hadler[4]

RESUMO

Este trabalho apresenta a experiência do Psicodrama Público "Grafitando a Resistência", realizado em novembro de 2025 no Beco do Grafite, bairro Sarandi, em Porto Alegre (RS). O território, historicamente marcado pela vulnerabilização e severamente impactado pela calamidade socioambiental de 2024, tornou-se palco para uma intervenção extensionista fruto da parceria entre o projeto COGUS/UFRGS e o Coletivo Abrigo. A fundamentação para a escrita ancora-se na articulação de autores contemporâneos do psicodrama brasileiro e toma como referencial analítico a itinerância como estratégia de cuidado e o matriciamento social em oposição à privatização do sofrimento. O trabalho descreve o manejo socionômico que convocou a espontaneidade-criatividade de uma pluralidade de existências para a construção de novos mundos democráticos. A análise destaca o encontro entre arte e política como força no enfrentamento aos fascismos cotidianos e às conservas culturais de silenciamento. O desfecho da dramatização, protagonizado por uma divindade indígena que dança, simboliza a retomada da força pública do psicodrama e a valorização fundamental dos saberes locais e originários. Conclui-se que o corpo em cena, ao habitar as cicatrizes do território e as marcas das águas, opera uma transição necessária entre a memória do trauma e a potência da

[4] Doutora em Psicologia Social (UFRGS), psicodramatista (IDH-RS), professora adjunta do curso de Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e orianahadler@gmail.com.

reconstrução coletiva, ética e democrática.

Palavras-chave: Psicodrama Público. Resistência. Periferia. Decolonialidade. Território.

1 INTRODUÇÃO: O Beco como palco de memórias

Imagine uma ruela que conecta um campo de futebol comunitário a uma rua frequentemente alagada pelas águas do dique que atravessa o território. Este é o Beco do Grafite, no Sarandi, zona norte de Porto Alegre (RS), cujos muros abrem-se em artes e cores que transcendem o concreto. Visualize este espaço, pouco mais de um ano após submergir sob 5,35 metros de água na maior calamidade socioambiental do Rio Grande do Sul, agora repleto de vida: brinquedos infláveis, capoeira, culinária local e a batida crescente de DJs. O Sarandi, bairro mais afetado pela enchente na capital gaúcha, com 26.042 desocupações forçadas (RIO GRANDE DO SUL, 2024), nos mostra como a ocupação coletiva traz força de resistência contra as forças da negligência estatal.

Nesse cenário de luta pela garantia à moradia digna, estabelece-se a parceria entre o projeto de extensão Coletivo de Garantias no Universo da Socioeducação (COGUS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e o Coletivo Abrigo[5]. Em 23 de novembro de 2025, durante a Expo Favela Descentralizada e a inauguração do Museu Louvre da Periferia, o Beco do Grafite tornou-se palco para o Psicodrama Público *Grafitando a resistência: arte e política no beco*.

Este trabalho, assim, toma como materialidade este encontro para pensar a força dos saberes locais e a retomada da itinerância enquanto ética fundamental do psicodrama.

[5] Organização dedicada à promoção de educação, cultura, esporte e assistência social em defesa dos Direitos Humanos

> Trata-se, nesse caso, de pensar o modo de operar itinerante como um constante deslocamento para além de um âmbito estritamente espacial, afirmando seu potencial de produzir um cuidado contextualizado ao território existencial dos usuários e de criar linhas de fuga ao mandato social de controle. (LEMKE; SILVA, 2011, p. 981)

Nesse sentido, a justificativa desta proposta reside na necessidade premente de práticas psicodramáticas que busquem romper com as lógicas de privatização do cuidado e com o silenciamento das questões políticas que atravessam os grupos.

2 SOCIONOMIA EM ATO: deus é mulher, indígena e dança!

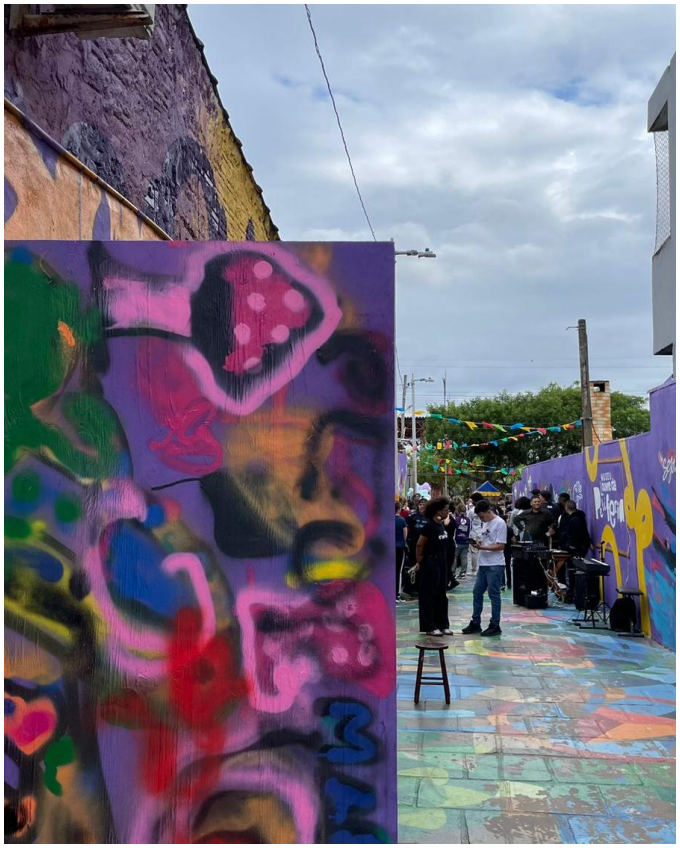
O aquecimento já está acontecendo: as pessoas preenchem o Beco do Grafite participando da agenda de atividades organizadas para o dia. A oficina de defesa pessoal para mulheres acabou de acontecer com a apresentação da equipe de judocas e capoeiristas que nos lembram da preocupação contínua com a luta contra o feminicídio. O grupo de estudantes egos-auxiliares se reúne atento aos movimentos dos participantes.

Em certa feita, o grupo já havia realizado um psicodrama público neste mesmo local, há cerca de um ano, tendo sido nomeado pelas crianças do bairro como o “teatro dos elementos” (HOLDEFER *et al*, 2025). Assim, quando os participantes são chamados para iniciarem a vivência, alguns reconhecem o processo e se aproximam com desejo nos olhos. Outros juntam as sobrancelhas desconfiados da consigna que os convida a vivenciarem “Arte e Política no Beco”. É assim que um certo coletivo de umas 30 pessoas se agrupa para o psicodrama público.

A diretora inicia um jogo do sim” contra o não”, dispondo o grupo em filas opostas. O desafio é o convencimento mútuo apenas pela força da palavra, alternando tons de voz e papéis. Diante da impossibilidade do convencimento dos opostos binários, os participantes

são convidados a escolherem um dos grafites do cenário que simbolize a criação de novos mundos democráticos. Formam-se cinco grupos compostos por uma pluralidade de existências: crianças, idosos, homens cisgênero, pessoas trans, imigrantes, indígenas e pessoas com deficiência. Juntes, preparam-se para converter a materialidade do beco em palco de criação coletiva.

Figura 1 – Grafitando a resistência



Fonte: Registros fotográficos da autora (2025)

As cenas são apresentadas para o grande grupo e platéia incluindo dois DJ's responsáveis pelas músicas do evento e que, naquele momento, se tornam os responsáveis pela trilha sonora de cada cena. Cinco cenas, com batidas de Rap, Hip Hop e músicas da cultura periférica local se tornam o eco de vozes das dramatizações. O público elege duas cenas escolhidas para serem a representação do mundo onde arte e política confluem: a primeira onde uma flor-criança brota de uma mulher cadeirante e a segunda onde Deus surge para abençoar seu povo. Nesta última há um detalhe essencial: quando pedido para o grupo novamente protagonizar a cena, o menino que seria Deus fica tímido e diz que não gostaria de estar no centro da dramatização novamente, ao que lhe é pedido que então escolha alguém para ficar em seu lugar. No meio da multidão de rostos, ele olha para uma mulher indígena, que compunha o COGUS como ego-auxiliar e pede para que ela represente Deus. Ela então lhe pergunta o que deve fazer em seu lugar, ao ele responde: dançar.

Esta cena final, em que a divindade é personificada por uma mulher indígena na expressão de um corpo que dança, sintetiza a força decolonial no combate às práticas coloniais que reiteradamente insistem em dizimar territórios periféricos. Ao romper com a imagem eurocêntrica e estática do sagrado, o psicodrama público no Sarandi opera a aproximação entre arte e política como um exercício ético de profunda alteridade. Ao convocar o riso, a batida do Rap e a dança da mulher indígena sobre o solo que outrora submergia em águas lodaçais, o psicodrama se alinha com um saber onto-epistêmico de caráter popular e democrático.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS: a itinerância no combate aos fascismos cotidianos

Sob análise socionômica, o psicodrama público no Beco do Grafite operou como um

convite à espontaneidade-criatividade, posicionando o grupo como agente de transformação social. O palco compartilhado convocou a coletividade a enfrentar conservas culturais coloniais de silenciamento (VOMERO, 2022). Nesse cenário, o corpo em cena não apenas recordou a lama do passado, mas mobilizou forças resistentes do presente. O beco transmutou-se em espaço de transição entre a dor da perda e a potência da reconstrução coletiva, reafirmando o compromisso do Psicodrama com a democracia e a justiça social nos territórios existenciais (GUATTARI; ROLNIK, 2005).

Afinal, conforme Holdefer *et al* (2025, p. 331) colocam, ao sustentar a característica itinerante do psicodrama público este passa a ter como "enfoque a aproximação com o território e opera como um dispositivo de matriciamento social, ao oportunizar a cocriação de práticas colaborativas que podem influenciar a organização territorial". Tal movimento traz uma convocação: a retomada de práticas psicodramáticas que se posicionem na luta contra os fascismos cotidianos e as negligências estatais que aprofundam as feridas sociopolíticas.

REFERÊNCIAS

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica:** cartografias do desejo**.** 7ª ed. Petrópolis: Vozes. 2005.

HOLDEFER, A. C.; SILVA, V. M.; DIAS; B. P.; SILVA, M. S.; HADLER, O. H. Às margens da alegria: psicodrama público e a infancialização como resposta à crise socioambiental. In: **Anais SEURS 43 - Seminário de Extensão Universitária da Região Sul:** Extensão e justiça socioambiental na transformação dos territórios. Florianópolis: Editora UDESC, 2025. p. 330-334. Disponível em: <https://eventos.ifsc.edu.br/seurs2025/>. Acesso em: 15 mar. 2026.

LEMKE, R. A.; & SILVA, R. A. N. Um estudo sobre a itinerância como estratégia de cuidado no contexto das políticas públicas de saúde no Brasil. **Physis Revista de Saúde** Coletiva, Rio de Janeiro, v.21 n3, 979-1004. 2011. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/physis/a/nhPfJYtdnhcjTsPDrFXDwCs/?lang=pt#>. Acesso em: 15 mar. 2026.

RIO GRANDE DO SUL. **Impactos das cheias de maio de 2024 em Porto Alegre | RS**. Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Urbanismo e Sustentabilidade. 2024. Disponível em: <https://prefeitura.poa.br/inundacoes>. Acesso em: 15 mar. 2026.

VOMERO, L. Z. Decolonizando o conceito de reconhecimento (eu - tu). **Revista Brasileira de Psicodrama.** v.30. 1-10. 2022. Disponível em: <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/576>. Acesso em: 15 mar. 2026.